

RUA DR. ANTONIO A. LOBO

Ato nº 57 de 18-04-1934

Formada por trecho do antigo leito da Estrada de Ferro Funilense

Início na rua Jorge Miranda

Término na rua Mário Siqueira

Centro

Obs.: Ato baixado pelo Prefeito Municipal de Campinas Perseu Leite de Barros.

DR. ANTONIO ALVARES LOBO

Antônio Alvares Lobo nasceu em Itú em 15-06-1860 e faleceu em Campinas, em 17-04-1934, filho do Maestro Elias Alvares Lobo e Elisa Eufrosina da Costa Lobo. Seus primeiros estudos foram feitos em Itú e Campinas. Em 1880 matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo, onde se formou a 05-11-1884. Quando estudante, em 1881, foi redator do jornal acadêmico "A Reação", tendo como companheiro, entre outros, Raul Pompéia. Em 1883, assumiu a direção do periódico. Logo que se formou iniciou a carreira de advogado na banca de Francisco Glicério, de quem foi amigo íntimo e companheiro de política. Lutador, não tardou a sua atuação desassombrada e insistente na campanha do Abolicionismo, enfrentando, em combate sem tréguas, os poderosos escravocratas. Republicano, ainda no regime monárquico, presidiu aos destinos do Clube Republicano. A alvorada da República o encontrou ao lado de Glicério, a serviço dos novos ideais. Constituído o Conselho de Intendentes de Campinas, em janeiro de 1890, coube ao dr. Antonio A. Lobo a Presidência da Intendência e, como tal, a chefia do primeiro Executivo campineiro. Um dos notáveis serviços prestados à cidade foi o de saneamento, devido os efeitos da segunda e terceira epidemias de febre amarela aqui irrompidas. Na renovação da Câmara Municipal, em 1894, foi investido dos cargos de Intendente de Higiene e, mais tarde, de Intendente Geral, quando lutando contra a incompreensão, ainda assim, conseguiu proscrever das terras campineiras o flagelo da febre amarela. Foi eleito vereador em três triênios, exercendo o cargo de 1892 a 1895, de 1902 a 1905 e, finalmente, presidente da Câmara Municipal de Campinas, em 1911. De 1901 a 1911 foi fiscal do Governo da União, junto ao Ginásio de Campinas. Em 1902, foi eleito deputado ao Congresso Paulista, sendo reeleito sucessivamente até 1915, quando pelo seu

mérito e prestígio, passou à presidência, até 1929. Deixando a política, Antônio Alvares Lobo concentrou suas atividades à banca de advogado e às instituições de caridade de Campinas, às quais sempre foi dedicado, tomando parte ativa na fundação, manutenção e direção da quasi totalidade das entidades então existentes. Presidiu o Instituto Profissional "Bento Quirino", e a Maternidade de Campinas, foi vice-presidente do Instituto dos Alienados, de Souza, Presidente da Sub-Secção de Campinas da Ordem dos Advogados do Brasil e Provedor da Santa Casa de Misericórdia de Campinas. Foi proprietário e diretor do jornal "Cidade de Campinas" que teve Paulo Lobo como redator-chefe e José Villagelin Junior como redator-secretário e, em 1923, publicou "Discursos e Conferências". Um ataque cardíaco prostou-o no dia em que comemorava suas Bidas de Ouro.

**Ato N. 57**

(Dando a denominação de Dr. Antonio A. Lobo a uma via publica)

PERREU LEITE DE BARROS, Prefeito Municipal de Campinas etc.

Considerando que o Sr. Dr. Antonio Alvares Lobo, propagandista eminente do regimen Republicano, prestou por largos anos relevantes serviços a Campinas, como Intendente, Presidente da Camara e Vereador;

Considerando que foi ele um cidadão probo e bemquisto e foi tambem bemfeitor de todas as instituições de caridade existentes em Campinas, como justa homenagem á sua memoria, resolvo baixar o seguinte

ATO N. 57

Art. 1.º—Fica doravante denominada RUA Dr. ANTONIO A. LOBO a via publica que acompanha o antigo leito da linha Funilense, entre a Rua Marechal Deodoro e a Avenida Itapura.

Art. 2.º—Revogam-se as disposições em contrario.
Câmpinas, 18 de Abril de 1934.

P. Leite de Barros

Publicado na Secretaria da Prefeitura aos 18/4/1934

O Secretario,

Amilar Alves



Ruas da cidade:

ANTÔNIO A. LOBO, dr. — rua

Começa na rua Marechal Deodoro, na junção com as ruas Jorge Miranda e Alvares Machado, e termina na rua Mário Siqueira, ao lado da linha da Mogiana, servindo os bairros do Mercado e Botafogo.

A denominação foi dada pelo Ato n.º 57, de 18 de Abril de 1934. Até então era conhecido o referido trecho, como leito da Funilense (passagem da Estrada de Ferro Funilense) estrada que tinha sua estação localizada no Mercado Municipal, exatamente onde hoje estão os açougues que têm frente para a rua Alvares Machado. Tem 14 metros de largura.

DADOS BIOGRÁFICOS — O dr. Antônio Alvares Lobo, nascido em Itú aos 15 de Junho de 1860, faleceu em Campinas aos 17 de Abril de 1934, sendo filho do Maéstro Elias Alvares Lobo e de dona Elisa Eufrosina da Costa Lobo. Era, de 1879 a 1884 um exemplar estudante de direito e posteriormente, até 1889 — quando assumiu a presidência do Clube Republicano, exercido com a mais proveitosa das atividades — o brilhante advogado que, em Campinas, ao lado de Francisco Glicério batalhou, politicamente pelas causas justas dos novos eventos brasileiros. Foi Presidente do Conselho de Intendência (janeiro de 1890) do novo regime em Campinas, após a campanha tenaz particularmente empreendida contra os escravocatas, que em grande número infestavam a nossa Pátria. Por ocasião da epidemia (1894), seus préstimos foram requeridos na Intendência Geral de Higiene. Reafirmou, neste ponto, sua energia na imposição à observância de rigorosas prescrições de higiene e administração, que por seus esforços haviam sido decretadas e graças ao que se debelou a epidemia reinante. Vereador às Câmaras de 1892 a 1895 e 1902 a 1905, foi depois seu Presidente, graças o prestígio que desfrutava no seio do Partido Republicano. Entre 1901 e 1911 foi Fiscal do Governo junto ao Ginásio do Estado, em Campinas. Sua vida política não sofreu solução de continuidade. Em 1902, eleito deputado ao Congresso Paulista, fazendo parte da Comissão de Revisão da Constituição; membro da Comissão de Justiça; da de Finanças e outras. Em 1915, Presidente da Câmara dos Deputados, cargo que ocupou até a Presidência do Dr. Carlos de Campos, cujo falecimento fez com que o Dr. Antonio Alvares Lobo abandonasse todas as atividades políticas. Toda a sua vida foi eddicada a inúmeros empreendimentos filantrópicos, tomando parte ativa na fundação, manutenção e direção de quasi a totalidade dos estabelecimentos de caridade de Campinas. Foi presidente do Instituto Profissional Bento Quirino, da Maternidade de Campinas, vice-presidente do Instituto dos Alienados, em Sousas, Provedor da Santa Casa de Misericórdia de Campinas, e Presidente da Sub-Secção de Campinas e Membro do Conselho Estadual da Ordem dos Advogados do Brasil.

Prof. E. M. Zink
Documentário de Campinas



Antônio Álvares Lôbo - Homem de Fibra na Imprensa e na Política

Altamente meritória foi a iniciativa da Associação Campineira de Imprensa, prestando esta homenagem a Antônio Álvares Lôbo. E sinto-me feliz pela incumbência deste discurso, que me enseja reviver-lhe a personalidade, em todos os pontos de vista destacada.

Direi, inicialmente, que grande amizade a ele me ligou, só interrompida com a sua morte.

Foi em 1906 que o conheci de perto, quando entrei a trabalhar no seu jornal "Cidade de Campinas"; e mais tarde, em 1926, como funcionário da Câmara dos Deputados, de que era presidente, logrei maior aproximação, em convívio demorado.

Conheço-lhe com detalhes a vida, toda consagrada ao trabalho, aos empreendimentos; e, sem a ofuscação da simpatia, com isenção de ânimo, posso neste momento recordar os vestígios luminosos desse homem... desse preclaro homem, de que hoje comemoramos o centenário de nascimento.

Antônio Álvares Lôbo, filho do maestro Elias Lôbo e d. Elisa Eufrosina Lôbo, nasceu na histórica cidade de Itu, a 15 de junho de 1860. Fez ali os primeiros estudos e depois em Campinas. Em 1880 matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo, formando-se a 5 de novembro de 1884. Quando estudante, em 1881, foi redator do jornal acadêmico "A Reação", tendo como companheiro, entre outros, Raul Pompéia. Em 1883 assumiu a direção do periódico.

Logo que se formou iniciou a carreira de advogado na banca de Francisco Glicerio. Este, de que falei logo, foi-lhe amigo íntimo e companheiro de política em que Antônio Lôbo entrou a militar e lhe ocupou quase toda a vida. Lutador, não tardou a sua atuação desassombrada e insistente na companhia do Abolicionismo. Em um combate sem tréguas enfrentou os poderosos escravocratas, e nele a fibra acerrada se lhe manteve sem desfalecimentos. A ira dos senhores negros foi, então, ao auge; ele, porém, intimerato, enfrentou perseguições e até, em um ultimatum, a ameaça para que deixasse Campinas espontaneamente, para não a deixar a força.

Essa importante questão social em que se empenhou provaram-lhe estas qualidades invulgares: independência, coragem e, ao lado do espírito generoso, descortino profético. A perfídia dos detentores do cativo foi vencida pela intervenção, no caso, da própria Assembléia Provincial; e, afinal, consumada a Abolição com o seu desassombrado concurso, teve ele uma enorme satisfação íntima.

Republicano, ainda no regime monárquico, presidia aos destinos do Clube Republicano, agremiação de pesadas responsabilidades no destino do Estado, e a que consagrou toda a sua capacidade. A alvorada da República, o encontrou, ao lado de Glicerio, a serviço dos novos ideais que a mudança política inspirava. E o nobre soldado não se recusou a assumir sérios encargos quais foram, em janeiro de 1890, o da chefia do primeiro Executivo de Campinas. Ai houve de pôr à prova esforços vincados, quando a cidade foi assolada por duas epidemias de febre amarela. Mais tarde lhe couberam as funções de Intendente de Higiene e, a seguir, de Intendente Geral, isso em um período difícil; e ainda lhe valeu a energia contra os insufladores de uma guerra surda de resistência quanto às prescrições legais de higiene. Eram os desafetos a pretenderem provocar-lhe o desprestígio, por esse modo. E o povo, recalcitrante, a começo, em obedecer às normas de caráter sanitário, acabou cedendo; e, assim, o milagre de Osvaldo Cruz pôde crescer das terras campineiras o flagelo da febre amarela.

A carreira de advogado de Antônio Lôbo, abraçada com entusiasmo, não se interrompeu no interregno em que as tarefas da saúde pública do município lhe reclamavam atenção. A bancada de parceria com Glicerio ganhava nome. Ambos tratavam das causas que lhes eram confiadas com aquele interesse inspirado pela lídima justiça.

Glicerio, todos sabem, não se formara em direito; mas era um rábula de vastos conhecimentos jurídicos, muito lido e versado naquela ciência. E não é esse fato inédito nesse campo: muitos foram e são os que, não tendo, embora, frequentado os bancos acadêmicos, se tornaram notá-

(Palestra proferida pelo jornalista Vitor Carno na Associação Campineira de Imprensa, por ocasião da inauguração do retrato de Antônio Álvares Lôbo na "Galeria da Saudade", em 15 do corrente mês)

veis advogados e juristas. Citarei apenas dois, a que me prendeu a amizade: Basílio de Magalhães e Francisco Escobar, que Rui Barbosa chamava: "Meu caro colega".

Também a Glicerio não era preciso o adinículo de um diploma para ser, como era, renomado causídico.

Antônio Lôbo, que estreira promissoramente nas lides jurídicas, já nas primeiras causas que houve de defender se lhe firmara a capacidade profissional. E nada, nem a política, que lhe era predileção, nem outras múltiplas ocupações, o desviaram dessa rota. Nascera para o direito, e essa tendência o acompanhou sempre, numa reta de justiça e probidade. Metódico, de perfeita disciplina no trabalho, isso lhe facilitava as tarefas. Tenho presente a ordem reinante no seu escritório. Lembra-me, por exemplo, um enorme armário de madeira, feito arquivo, por ele próprio ideado, com uma infinidade de gavetas e fichário. E, por meio desse utilíssimo adinículo não lhe escapava nada necessário ao curso profissional: datas, nomes, assuntos. Era ali, nesse escritório ao lado da redação da "Cidade de Campinas" que ele e Glicerio, muitas vezes, de portas fechadas, ficavam a tratar de questões importantes, geralmente políticas, recomendando ao empregado:

— Se vier alguém, que espere; vamos tratar de coisas reservadas.

— Acontecia, porém, que tanto um como outro tinham o hábito de falar alto, e não adiantava fechar as portas, pois, a conversa era ouvida por quem quisesse...

A carreira política de Antônio Lôbo foi uma das mais belas que conheço. Iniciou-a

Edm



como vereador, em 1892, exercendo o cargo durante três trienios. Em 1911 foi eleito presidente da Câmara Municipal. Também, de 1901 a 1911 desempenhou as funções de fiscal federal junto ao Ginásio do Estado. A sua atuação marcada na política estadual foi a partir, em 1902, como deputado, reeleito sucessivamente até 1915 quando, pelo seu mérito e prestígio, passou à presidência, até 1929.

O trabalho desenvolvido no Legislativo Estadual, quer na tribuna, quer nas comissões, foi precioso: atuou na revisão da Constituição do Estado, no problema da superprodução de café, combatendo o projeto de lei de Quintino Bocaiuva, e enfim, na elaboração de leis de relevância, como a da reforma da organização municipal, assistência pública, criação da Bolsa de Café, Caixa de Liquidação, e outras.

Vivíamos os bons tempos em que os representantes do povo enalteciam a dignidade legislativa, e o seu acesso só cabia aos compenetrados das responsabilidades da investidura. Daí as elites que formavam a corporação. Os deputados se consagravam patrioticamente à causa pública e trabalhavam. E foi pelo trabalho e pela capacidade que Antônio Lobo atravessou a melhor fase da vida a honrar a cadeira na Casa das Leis, entre dignos pares.

Estávamos em 1928, no início da 14.ª Legislatura. As eleições para deputados, então, se apresentaram e foram eleitos novos nomes, não poucos sem as credenciais legítimas, apenas simpáticos ao presidente do Estado.

Antônio Lobo, o antigo presidente, foi substituído por uma figura, aliás, de valor —

Artur Pequerobi de Aguiar Whitaker e nem sequer logrou a reeleição como simples deputado!

Por que?

Como privar a Câmara de homem da sua tempera, creador de tantos serviços ao Estado?

Por que, como é por quem foi sumariamente afastado?

Estou a narrar a vida desse meu inesquecível amigo que, sobre o mais, possuía um passado de homem e de político o mais aprimorado. E me parece necessária a explicação desse fato, talvez desconhecido dos que me ouvem.

Ei-lo:

O Partido Republicano Paulista, coeso e forte, mais do que nunca obedecia a vontade de um homem cujas qualidades de patriota e administrador contrastavam com o seu espírito prepotente e vingativo. Era Washington Luis, presidente do Estado.

Antônio Lobo, criatura simples, mas ativa e franca, teve o pecado de discordar de um ato do presidente, ou mesmo criticá-lo. A reação não tardou: Washington Luis saboreou a vinda, fazendo nem que Antônio Lobo não mais voltasse à Câmara. Encerrara-se-lhe sombriamente a vida política; mas, livre dela, se concentrou nas atividades de advogado, entre as quais as defesas das causas da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro. E os dias lhe transcorreram então, calmamente, a cuidar também, das suas instituições de caridade, notadamente a Santa Casa de Misericórdia, a que consagrou o melhor do seu carinho de 50 anos.

Católico de coração, seguia à risca os princípios religiosos e, pois, sem a fraqueza de odiar, era feliz.

Cabe-me, agora, falar do jornalista.

A razão precípua desta comemoração diz com o homem de imprensa, que ele foi, e nesta galeria de tantos retratos o seu vai figurar entre os dos mais dignos representantes da profissão.

Antônio Lobo foi proprietário e diretor da "Cidade de Campinas". Esse jornal, a que dediquei muitos anos de minha mocidade, fora fundado por Alberto Faria. Tinha como redator-chefe Paulo Lobo, alma e talento formosíssimos. Era um órgão bem cuidado, inimigo de escândalos, com larga circulação aqui e no interior do Estado. Por vários anos secretariou-o José Vilagelin, pai, e teve como colaboradores Basílio de Magalhães, Alberto Faria, Benedito Otávio, Pelágio Lobo, Freitas Guimarães, João Vieira de Almeida, Bueno Monteiro, Argemiro Acaíaba e outros mais, todos, já, no imperturbável sono da eternidade.

Antônio Lobo nunca assinou um artigo, nem usava de pseudônimo. Os seus comentários sobre assuntos transcendentais e as notas políticas eram modelares, embora feitos de momento. Conhecia bem a nossa língua e possuía estilo claro e simples. Não raro, preferia ditar. E era eu quem lhe apanhava o ditado.

A imprensa daquele tempo há mais de 40 anos — vivia, ao menos no interior, vida de dificuldades. O meio era ainda pequeno, de escassa população. Pobre no seu comércio e na indústria, desconhecía-se o valor da propaganda e, pois, o jornal não podia contar com os anúncios: limitando-se quase a renda das assinaturas. Depois, com a primeira grandê

guerra e as suas consequências surgiu o problema do papel, que era importado, e passou a preços elevadíssimos.

Antônio Lobo tinha muito amor ao jornal; e, no período da crise surgida era forçado a custear-lhe as despesas. O sacrifício foi suportado por alguns anos, até que a "Cidade de Campinas" houve de fechar as portas, deixando nos fastos publicitários nome indelével, com relevantes serviços locais.

Se as produções jornalísticas do nosso homenageado se esvaneceram na viagem dos anos, mesmo porque o seu destino é a vida efêmera de um dia, assim se deu com o que, em boa hora, nos deixou impresso em livro. Porque a este não atinge a destruição das eras.

Falo de "Discursos e Conferências", publicado em 1923. É obra de cultura; páginas de um pensador de estôfo, mestre da pena, a abordar temas os mais dispares: história, religião, educação, política, economia, etc. E, como documentário de um quadrante histórico, quantos ensinamentos encerra, que lições de civismo nos depara! No prefácio se lê:

"Não foi um sentimento de vaidade que me inspirou, a idéia de colecionar em livro os meus discursos e conferências. Quis, apenas, reunindo essas orações, deixar aos meus descendentes uma recordação do que fiz, como homem político e como homem de crenças definidas".

Dos seus capítulos agraço destacar o discurso proferido no Centro de Ciências Letras e Artes, a 15 de agosto de 1916, em que é esboçada a figura de Francisco Glicerio, o eminente Glicerio. É uma oração que merece ser reelida. E ninguém mais autorizado poderia falar desse seu companheiro de política e de trabalho. Serve para expansão de saudade dos poucos remanescentes coevos daquele vulto egrégio, e serve, também, à atual geração pelos ensinamentos de patriotismo, honra e abnegação desse que foi o maior fautor da República, homem protótipo que enalteceu a pátria.

Mas, rematemos este discurso.

Senhores e senhoras:

Ingrata é a memória da gente. Nela cedo se apagam coisas e fatos que deveriam

ficar impercíveis. No concernente a pessoas que, na jornada por este planeta, projetaram da alma aberta em flor as primícias da bondade e de ações dignas — é comum o aniquilamento e o olvido. Isto, todavia, não conseguiu medrar no coração dos familiares e amigos legítimos de Antônio Lobo. Perdura a sua presença espiritual com a virtude misteriosa de guiar os vivos.

Esboço-lhe, por fim, a fisionomia moral.

A bondade foi-lhe traço predominante; e, como correlário, a virtude da caridade. Homem de fé, radicada por herança, não conheci mais perfeito. Honra e trabalho foi-lhe a segunda religião. Sincero, não sabia paliar a franqueza. Político, outro tão puro e íntegro não me foi dado conhecer. Nunca se aproveitou das posições em que esteve guindado. A família dedicou o mais entranhado afeto e os descendentes lhe enalteceram o nome. Amigo, tinha o condão de escravizar corações.

Que mais posso acrescentar? Digo apenas, e digo com as palavras dele próprio, a respeito de Glicerio, no discurso a que me referi:

"... morreu pobre, legando à sua família apenas o nome honradíssimo, com que pelejou neste mundo ingrato e torvo".

A 17 de abril de 1934 transcorria a data das bodas de ouro de Antônio Lobo. Cincoenta anos de ventura conjugal! O seu lar estava em festa. Toda a família reunida. Flores, muitas flores, riso, alegria! Mas uma coisa invisível espreitava, brutal e irônica, e apagou num sópo essa expansão de júbilo. Foi a Morte. Um insulto cardíaco prostrou o venerando ancião, sob a angústia e o desespero de todos.

A dolorosa notícia se espalhou, célere, pela cidade e a casa, já cheia de flores enviadas em regosijo das bodas de ouro, se cumulou de outras flores, mensageiras de pesames; e umas e outras, por fim, se entrelaçaram, se confundiram no luto.

Relembro neste momento aquela cena pungente e, como então, o meu pensamento se eleva ao Todo Poderoso, nesta súplica:

— Senhor, dai-lhe a paz!

Cam

BENEFICIARIOS DE CAMPINAS

DR. ANTONIO LOBO

blica e a criação da Bolsa de Café e Caixa de Liquidação, de cujo projecto, convertido em lei, foi o relator.

Em 1915, foi eleito presidente da Camara dos Deputados.

A sua reeleição para esse elevado posto desde aquelle anno é a mais eloquente demonstração do alto criterio, correcção e patriotismo com que o illustre paulista tem desempenhado as suas funcções.



Dr. Antonio BIAS da Costa BUENO — Nasceu em Pindamonhangaba, Estado de S. Paulo, a 12 de Abril de 1883.



Formou-se em Sciencias Juridicas e Sociaes pela Faculdade de Direito de S. Paulo. Occupou durante dez annos o cargo de delegado de policia em Santos, onde reside, tendo tido oportunidade, no exercicio das suas funcções, de prestar relevantes serviços á causa publica, mantendo a ordem, garantindo direitos em diversas situações verdadeiramente anormaes, desenvolvendo uma acção energica e ponderada, tendo recebido da Secretaria da Justiça dos respectivos titulares, e da Associação Commercial de Santos, varios officios muito elogiosos á sua acção de autoridade, bem como lisongeiras referencias da imprensa santista e paulistana. Foi tambem delegado de policia de Piracicaba e Procurador Judicial da

Camara de Santos. Começou em Pindamonhangaba a sua carreira politica, sendo eleito em 1918, pela primeira vez, para o Congresso Estadual. Tem sido relator, na Camara, de varios pareceres relativos á Commissão de Justiça e Poderes, á qual pertence.

ADALBERTO Bueno NETTO — Nasceu em Mogy-Mirim, Estado de S. Paulo, a 29 de Junho de 1891.

Formado pela Escola de Pharmacia de Ouro-Preto, em 1909, exerce em Catanduva, onde reside, a sua profissão de Pharmaceutico. E' tambem official do Registro de Hypothecas. Foi Vereador e Prefeito em Catanduva, tendo sido eleito, pela primeira vez, para o Congresso Estadual, em 29 de Outubro de 1922. Começou ha sete annos, naquella cidade, a sua carreira politica.



Occupo o logar de 4.º Secretario da Camara dos Deputados.

Ao municipio em que reside tem prestado assignalados serviços, que lhe grangearam a estima publica.

Sendo a primeira vez que tomou assento no Congresso Estadual, comtudo é o Deputado Adalberto Bueno Netto uma figura sympathica na Camara.

Dr. Alfredo CAZEMIRO da ROCHA — Nasceu em São Salvador, Estado da Bahia, a 4 de Março de 1856.

Cam



Neste mês ocorre o centenario do nascimento de Antonio Alvares Lobo. A efemeride faz jus a grato registro, pois Antonio Lobo foi paulista que honrou e serviu com brilho e proveito a sua terra.

Nasceu de velha familia ituana, que se transferiu para Campinas, e ali floresceu e frutificou em figuras de projecão, de altissimo conceito social e de real benevolencia publica. A historia da cultura literaria e artistica de Campinas constitui florão de singular relevo nos creditos da Princesa do Oeste. E nela aparecem com especial destaque vultos daquela familia, como o Maestro Elias Lobo e outros.

Tambem na alta politica brilharam os Lobo, num tempo em que a politica chegava a ser uma escola em que, através do Partido Republicano Paulista, se fazia real seleçao de capacidades. José Manuel Lobo foi durante vinte anos brilhante e operoso deputado federal. E Antonio Alvares Lobo foi durante varios anos o mais prestigioso chefe politico de Campinas — terra cujas tradiçoes politicas encontrava no culto e abastado meio social, ambiente propicio a formação de uma verdadeira elite politica de ampla e rutila projecão na antiga Provincia e no país. Nem por outro motivo Campinas era, na Provincia, o maior e o mais lucido nucleo de propaganda republicana, personificada em nomes como Campos Sales e Francisco Glicerio.

Nesse meio, e como seu brilhante expoente, fez-se advogado e politico-militante Antonio A. Lobo, que, já na Republica, consegue galgar todos os postos da alta politica local e estadual, até o de presidente da Camara dos Deputados. E decerto que dignificou esse cargo inscrevendo-se o seu nome com singular brilho na galeria dos cidadãos que presidiram a antiga representaçao popular paulista.

Exemplar chefe de numerosa familia, cidadão publico de elevadissimo prestígio e de ilibada reputaçao, Antonio Alvares Lobo se destacava como homem de caracter rigido que pautou a sua vida particular, familiar, social e publica, por principios irreductiveis de integra probidade e severo catolicismo.

A sua memoria deve ser lembrada como a de um paulista que dignificou a sua terra e serviu a sua gente, com todos os recursos

de inteligencia, cultura e extrema integridade moral. Um padrão de virtudes antigas, o qual se impõe a veneraçao e ao culto civico de seus coestaduanos. Bem é que Campinas e São Paulo lhe relembram com respeito a pessoa e a açao, nesta ocorrencia do centenario de seu nascimento.

BENELEMITOS DE CAMPINAS

DR. ANTONIO LOBO

Dr. ANTONIO Alvares LOBO — Nasceu em Itú, Estado de São Paulo, a 15 de Junho de 1860. *m. a 17 de abril de 1934*

Terminados os preparatorios em Itú e em Campinas, matriculou-se em 1880 na Faculdade de Direito de São Paulo, recebendo grau a 5 de Novembro de 1884. Estabeleceu escriptorio profissional em Campinas, em companhia de Francisco Glycerio, e ahi, ao tempo da proclamação do regimen democratico, occupava o cargo de presidente do Centro Republicano.

Tanto na campanha republicana, como paladino do abolicionismo, a opositividade e o devotamento do Dr. Antonio Lobo resultaram em titulos dignificadores para a sua personalidade e em resultados surprehendentes para as causas esposadas.

Da propaganda contra os escravocratas, poderosissimos em numero e em fortuna, lhe advieram não pequenos desgostos. Exposto, com convicção illuminada, ás suas iras e ameaças, chegou mesmo a receber um "ultimatum" para que se retirasse de Campinas em praso exiguo, sob pena de ser dalli expulso á força: — o "ultimatum" fracassou em virtude da discussão do caso na Assembléa Provincial de São Paulo, sob provocação do Dr. Rangel Pestana, secundado pelo Dr. Raphael Corrêa da Silva.



Depois do alvorecer da Lei Aurea, a quéda do regimen dymnastico encontrou no Dr. Antonio Lobo, socio e companheiro de Glycerio, um elemento vigilante e combativo.

Proclamada a Republica, e constituido o Conselho de Intendentes de Campinas, em Janeiro de 1890, coube ao Dr. Antonio Lobo a presidencia da Intendencia e, como tal, a chefia do Executivo.

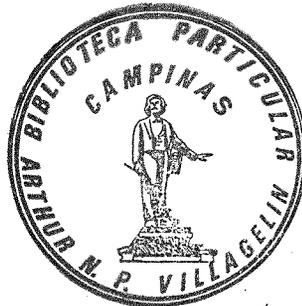
Um dos notaveis serviços prestados á cidade de Campinas por S. Exa., foi a de salvar-a dos effeitos terrificantes da segunda e terceira epidemias de febre amarella que alli irromperam. Na renovação da Camara Municipal, em 1894, quando se tratava de distribuir as varias funcções do governo municipal, foi elle investido nos cargos de Intendente de Hygiene e, depois, de Intendente Geral; e arrostando, muito embora, com a antipathia popular, as medidas postas em pratica pelo Dr. Antonio Lobo tiveram a virtude de sanear a cidade por todo o sempre, nunca mais se falando em febre amarella em Campinas.

Conquistando grande confiança no seio do Partido Republicano, foi eleito vereador em tres triennios, exercendo o cargo de 1892 a 1895, de 1902 a 1905 e, finalmente, presidente da Camara Municipal de Campinas, em 1911.

De 1901 a 1911 foi fiscal do Governo da União, junto ao Gymnasio de Campinas.

Em 1902 foi eleito deputado ao Congresso Paulista, fazendo parte da Commissão de Revisão da Constituição. Foi membro da Commissão de Justiça e depois da de Finanças. Tomou parte efficiente, em 1903, na discussão relativa á superprodução do café, criticando o projecto Quintino Bocayuva e os projectos de licenças, aposentadoria e o da reforma da organização municipal, hoje convertido em lei. Na Commissão de Finanças, discutiu os projectos de orçamentos, a questão da assistencia pu-

Cam



Ruas da Cidade

(Trabalho de ALAOR MALTA GUIMARÃES)

VI

ANTÔNIO LOBO

(Começa na rua Marechal Deodoro, na junção com as ruas Jorge Miranda e Alvares Machado, e termina na rua Mário Siqueira, ao lado da linha da Mogiana, servindo os bairros do Mercado e Botafogo)

A denominação foi dada pelo Ato n.º 57, de 18 de abril de 1934. Até então era conhecido o referido trecho, como leito da Funilense. (passagem da Estrada de Ferro Funilense) estrada que tinha sua estação localizada no Mercado Municipal, exatamente onde hoje estão os açougues que têm frente para a rua Alvares Machado. Tem 34 metros de largura.

DADOS BIOGRÁFICOS

O dr. Antônio Alvares Lobo, nascido em Itú aos 15 de junho de 1860, faleceu em Campinas aos 17 de abril de 1934, sendo filho do Maestro Elias Alvares Lobo e de dona Elisa Eufrosina da Costa Lobo. Era de 1879 a 1884 um exemplar estudante de direito e posteriormente, até 1889 — quando assumiu a presidência do Clube Republicano, exercido com a mais proveitosa das atividades — o brilhante advogado que, em Campinas, ao lado de Francisco Glicerio batalhou politicamente, pelas causas justas dos novos eventos brasileiros. Foi Presidente do Conselho de Intendência (janeiro de 1890) do novo regime, em Campinas, após a campanha tenaz particularmente empreendida contra os esvavocatas, que em grande número infestavam a nossa Pátria. Por ocasião da epidemia (1894), seus préstimos foram requeridos na Intendên-

cia Geral de Higiene. Reafirmou, neste posto, sua energia na imposição à observância de rigorosas prescrições de higiene e administração, que por seus esforços haviam sido decretadas e graças ao que se debelou a epidemia reinante. Vereador às Câmaras de 1892 a 1895 e 1902 a 1905, foi depois seu Presidente, graças ao prestígio que desfrutava no seio do Partido Republicano. Entre 1901 e 1911 foi Fiscal do Governo junto ao Ginásio do Estado, em Campinas. Sua vida política não sofreu solução de continuidade. 1902, foi eleito deputado ao Congresso Paulista fazendo parte da Comissão de Revisão da Constituição; membro da Comissão de Justiça; da de Finanças e outras. Em 1915, Presidente da Câmara dos Deputados, cargo que ocupou até a Presidência do dr. Carlos de Campos, cujo falecimento fez com que o dr. Antonio Alvares Lobo abandonasse todas as atividades políticas. Toda a sua vida foi dedicada a inúmeros empreendimentos filantrópicos, tomando parte ativa na fundação, manutenção e direção de quasi a totalidade dos estabelecimentos de caridade de Campinas. Foi presidente do Instituto Profissional Bento Quirino, da Maternidade de Campinas, vice-presidente do Instituto dos Alienados, em Sousa, Provedor da Santa Casa de Misericórdia de Campinas, e Presidente da Sub-Seção de Campinas e Membro do Conselho Estadual da Ordem dos Advogados do Brasil.